

Comer e vomitar:

O que há de errado com elas?¹

Christieli Ive Silverio da CRUZ²

Gibran Luis LACHOWSKI³

Réulliner da Silva RODRIGUES⁴

Iuri Barbosa GOMES⁵

Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

RESUMO

Este *paper* trata da produção de uma reportagem sobre um “mal” da contemporaneidade pouco abordado pelos veículos de comunicação: o transtorno alimentar, causado pela busca do “corpo perfeito” (magro). A ideia de elaborar o material partiu do fato de a aluna-líder do trabalho ser ela mesma uma portadora de transtorno alimentar. A reportagem foi realizada em 2013 como atividade da disciplina “Reportagem e Redação II”, do 4º semestre do curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)\campus de Alto Araguaia. Também foram levados em conta conhecimentos em semiótica (3º semestre), fotojornalismo (3º e 4º semestre) e análise do discurso (4º semestre). O material objetivou alertar a sociedade para as consequências do culto ao “corpo ideal” e apontar a este tipo de situação, exercitando assim o jornalismo de concepção social, pautado no interesse público.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; apuração; responsabilidade social.

1 INTRODUÇÃO

A importância da comunicação na sociedade vem sendo estudada intensamente e é tida, na atualidade, como fundamental no funcionamento das cidades, no convívio entre as pessoas, no desenvolvimento científico, econômico, político, jurídico, ambiental e cultural. De modo geral, os processos comunicativos visam informar aos cidadãos os acontecimentos que ocorrem nas diversas esferas geográficas e de seu interesse, indo das mais próximas

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo impresso (avulso).

² Aluna-líder do grupo e estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), email: tyelinhaive@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo), email: prof.gibranluis@gmail.com.

⁴ Coorientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo), email: i.b.gomes@gmail.com.

⁵ Coorientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social (habilitação Jornalismo), email: reullinerrodrigues@hotmail.com.

(locais, comunitárias), às gradativamente mais amplas (municipais, estaduais, nacionais e internacionais).

O jornalismo é uma das formas de comunicação que integra esse imenso conjunto de processos, podendo ser explicado de maneira sintética como aquela que busca relacionar a necessidade por informação com o interesse público, bem mais do que um negócio que visa lucro (NOBLAT, 2007, p.22).

O jornalismo baseia-se na veracidade (verdade factual), muitas vezes escondida ou mascarada pelos inúmeros atores sociais envolvidos nos acontecimentos, assim como pela análise sobre o que as informações colhidas e divulgadas significam e de que maneira impactam no dia a dia da sociedade (KOVACH E ROSENSTIEL, 2004).

Essa essência jornalística deve estar presente nos seus diversos gêneros (informativo, interpretativo, opinativo e diversional), conforme aponta Erbolato (2004) e nos inúmeros meios de comunicação existentes. Contudo, é no interpretativo, ou seja, na reportagem, que o jornalista tem maior possibilidade de desenvolver um trabalho de cunho investigativo, inúmeras vezes em tom de denúncia e reflexão social, procurando ir além do factual, o que significa com frequência orientar a conduta moral e a capacidade técnica no sentido de revelar informações ocultadas do interesse público.

“Esta é uma extensão da notícia e, por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso (...) as principais características de uma reportagem: predominância da forma narrativa; humanização do relato; texto de natureza impressionista; objetividade dos fatos narrados.” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 11; 15).

Beltrão (1980) concorda com Sodr é e Ferrari, mencionando que o jornalismo interpretativo tem como objetivo preencher as lacunas deixada pela notícia (gênero informativo e o mais comum de se perceber nos veículos de comunicação, programas ou espaços dedicados ao jornalismo).

Lage (2001) reforça essa compreensão, dizendo que a reportagem é uma narrativa mais completa, com detalhes, e traz como principal objetivo despertar o interesse humano. Com isso – completa o autor –, tem maior possibilidade de provocar debates sobre os fatos veiculados.

Essa foi a base teórica que sustentou o desenvolvimento da reportagem “Comer e vomitar: o que há de errado com elas?” – acerca de transtornos alimentares –, efetuada no segundo semestre de 2013 como trabalho acadêmico. A trajetória de construção do material (iniciativa enquanto pauta, apuração, dificuldades enfrentadas e resultados obtidos, tanto em

termos jornalísticos quanto científicos e pedagógicos) será melhor explicada a seguir. Tal reportagem é um produto desenvolvido na disciplina “Reportagem e Redação II” (ministrada no 4º semestre do curso), e também levou em consideração conhecimentos apreendidos nas disciplinas, “Fotojornalismo” (3º e 4º semestres).

2 OBJETIVOS

A elaboração da reportagem trabalhou com o objetivo de denunciar e, ao mesmo tempo, conscientizar e alertar a sociedade a respeito de um mal pouco informado e, pode-se dizer, até mesmo “mascarado” por parcela considerável da própria mídia. Trata-se da chamada ditadura do padrão de beleza, mais especificamente resumida na máxima “magro é bonito” e expressa nos transtornos alimentares, que faz com que inúmeras vidas sejam colocadas em riscos, aprisionando-as num mundo irreal de regras e perfeição.

Segundo Cury (2007), as mulheres sofrem caladas em consequência das exigências estéticas do mundo contemporâneo. Para o autor, foi criada uma espécie de ditadura da beleza (também nome de sua obra), deixando cada vez mais mulheres jovens e adolescentes frustradas e doentes por não pertencerem ao patamar fabricado e instituído como belo, ideal. Cury ainda cita que o principal fator que leva a pessoas, sobretudo as do sexo feminino, a tentar atingir esse padrão estético é a busca pela aceitação dentro da sociedade, que cultua modelos que brilham em veículos midiáticos.

Essa padronização estética inclui outros elementos, como o étnico e o socioeconômico. Estabelece como lugar de destaque à(ao) branca(o), de olhos azuis\verdes e loira(o), associando tal imagem, “de branqueamento”, a uma classe de status superior, almejada pelas demais, e isto ocorre apesar de centenárias reivindicações por igualdade de direitos, que poderiam ser potencializadas pelas mídias contemporâneas (ARAÚJO, 2000).

O esforço de reportagem também objetivou a exposição de histórias reais vividas por pessoas comuns da sociedade em torno de um assunto palpitante, garantindo, assim, a humanização do relato, como requer o gênero interpretativo. Ainda, buscou assegurar o exercício da responsabilidade social, característico do trabalho jornalístico, ao mostrar saídas para a obsessão pelo “corpo perfeito” por meio de tratamento médico e de uma leitura crítica quanto aos conteúdos midiáticos.

3 JUSTIFICATIVA

A ideia principal para a elaboração da reportagem surgiu de um problema sofrido por mim (aluna-líder do trabalho em questão), existente desde o segundo semestre de 2013. Tenho transtorno alimentar, e ao tentar buscar informações sobre o assunto, percebi que há poucas contribuições qualificadas na mídia de forma geral. Também notei que as pessoas que sofrem ou sofreram esse tipo de transtorno pouco têm espaço\voz para relatar como foi todo esse período em suas vidas.

Nesse sentido, minha experiência pode se amparar nas ponderações de Erbolato (2004, p. 44): “O repórter procura viver o ambiente e os problemas dos envolvidos na história, mas não pode se limitar as entrevista comuns, mais descobrir e desvendar sentimentos”.

Essa motivação inicial foi fortalecida pelos dados a que tive acesso por meio de pesquisas em fontes especializadas e por um levantamento empírico a respeito da quantia de pessoas que possuem esse problema em meu entorno.

Portanto, a justificativa para a elaboração dessa reportagem sobre transtornos alimentares ocorreu pela percepção de que: se trata de um assunto grave que se torna gradativamente mais comum; e por ser negligenciado por parcela considerável da mídia e ainda pouco mencionado por veículos e programas jornalísticos.

4 METODOS E TECNICAS UTILIZADOS

A reportagem produzida partiu dos elementos conceituais que constituem o gênero interpretativo e buscou trabalhar o alcance, impacto e consequências do assunto focado, respeitando apontamentos de Erbolato (2004). A partir dessa orientação teórica e de posse de informações gerais sobre o assunto, passou-se para a utilização de métodos capazes de auxiliar no planejamento do trabalho jornalístico.

Dessa forma, recorreu-se a uma sequência de trabalho que se consolidou durante a história do jornalismo, que subentende a concepção\pauta, apuração, redação e edição. Essas etapas levam ao êxito jornalístico quando trabalham com hipótese(s), mas mantêm-se abertas para novas revisões acerca do assunto (GUIRADO, 2004).

A elaboração da pauta ocorreu de modo conjunto durante as aulas a partir de diálogos semanais com o docente de “Reportagem e Redação II” (orientador deste *paper*). Esse processo de conversação também foi compartilhado com os demais estudantes matriculados na disciplina, que puderam colaborar sugerindo abordagens e fontes de informação.

Decidiu-se por uma abordagem que apresentasse de perto o universo de bulímicos, anoréxicos e compulsivos alimentares, compondo um elenco expressivo de fontes de informação, do testemunho ao especialista, conforme defende Lage (2001, p. 67-68) para a realização de um material jornalístico com credibilidade.

A edição foi efetuada em parceria, entre estudante-repórter e docente-editor. A primeira versão entregue pela acadêmica foi corrigida pelo professor, que devolveu o material para reformulações. Uma segunda versão, ajustada, foi apresentada e recebeu novas ponderações, em seguida assimiladas e incorporadas a uma terceira, definitiva.

Técnicas

Já que a sugestão de pauta havia partido de uma experiência pessoal, resolveu-se externar a relação da autora da reportagem com o assunto focado, com o uso de primeira pessoa do indicativo em parte do material. Essa é uma das características presentes em diversas reportagens com viés literário, à lá “novo jornalismo”, originários do movimento dos anos 60, nos Estados Unidos.

Como se tratava de um assunto íntimo para os portadores de transtornos alimentares, estabeleceu-se que a postura da repórter seria a de conduzir as entrevistas de modo respeitoso, sóbrio e procurando dar aos contatos um tom dialógico, no qual as pessoas se sentissem livres e à vontade para falar abertamente. É o melhor caminho quando se quer obter respostas desprendidas de amarras e autocensuras, ensina Kotscho (2007, p. 41-42).

Ferramentas tradicionais de captação e registro de informações foram usadas durante o processo de apuração, entre elas a caneta e o bloco de anotações, além dos sentidos humanos (tato, olfato, audição, visão e paladar), com vistas a uma boa reportagem. Previa-se que a audição fosse o sentido mais requisitado, por conta da expectativa de depoimentos longos e emocionados. Também foram usados computadores, gravadores de áudio e câmeras fotográficas, no intuito de que se obtivesse o maior número de informações possíveis.

Outra técnica desenvolvida teve relação com o fato de o assunto ser delicado, podendo constranger as pessoas acometidas por transtorno alimentar. Por isso definiu-se que elas só teriam seus nomes e imagens mostradas caso autorizassem. O uso de letras iniciais e imagens ocultando os rostos foram os mecanismos previstos para identificar os entrevistados que não quisessem “aparecer”. O cuidado foi estendido para adolescentes (menores de 18 anos).

Ainda em relação às fotografias, planejou-se buscar cenas e situações que pudessem expressar a dramaticidade relativa aos relatos a serem dados pelas vítimas de transtornos alimentares, mas sem cair no sensacionalismo. Segundo Angrimani (1994), quando um veículo é caracterizado como sensacionalista caracteriza-se com uma linha editorial agressiva, pois extrapola o real, intimando o leitor a se envolver emocionalmente com o texto.

O discurso da mídia trabalha com o “magro belo”, e mascarão a questão do mal a sociedade, em relação a estabelecer um padrão de beleza que não são alcançados por todos, deixando-os em condições de inferioridade.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem foi composta de três textos (um de abertura e dois boxes), fotografias e ilustrações para garantir o dinamismo quanto à leitura, com, sobretudo, testemunhas\”vítimas” de transtornos alimentares e especialistas da área da saúde, além de um conjunto de referências midiáticas (*sites*, programas de TV e propagandas).

Em relação à abordagem com as testemunhas\”vítimas” de transtornos alimentares, as entrevistas foram em tom de conversas descontraídas, com responsabilidade e evitando a exploração exagerada do assunto. A escolha dessa forma de condução se deu pela vergonha das entrevistadas em contar o que as levou a situações tão extremas (até ao risco de morte). Sobre as entrevistas com os especialistas (profissionais da saúde), ocorreram de forma direta, tendo como resultado respostas objetivas e esclarecedoras.

No “abre” da reportagem, “Comer e vomitar: o que há de errado com elas?”, buscou-se explicitar a relação próxima entre a autora do produto jornalístico e o assunto enfocado a partir de parágrafos iniciais\introdutórios escritos em primeira pessoa.

Esse primeiro texto teve o intento de apresentar as causas e os sintomas do transtorno alimentar, demonstrar seu alcance e impacto sobre a sociedade. Isso foi possível principalmente a partir de depoimentos de três pessoas acometidas por transtornos do tipo. Houve extenso espaço para suas exposições por meio de citações e paráfrases, sendo cada uma delas protagonista de um intertítulo, fazendo com que seus relatos ocupassem a maior parte do texto. Em razão de se tratar de um assunto delicado, constrangedor para as entrevistadas vítimas de transtorno alimentar, optou-se por colocar apenas as iniciais de seus nomes e, obviamente, não veicular imagens que as identificassem. Nesse sentido,

quando fotografias delas foram expostas, tomou-se o cuidado de utilizar efeitos e ângulos que garantissem este fim.

As ponderações e revelações das entrevistadas foram intercaladas por outras três entrevistas, com profissionais da saúde (uma psicóloga, uma nutricionista e um médico psiquiatra), procurando estabelecer uma “costura” entre a carga informativa das “vítimas” e as pontuações dos especialistas.

O segundo texto (primeiro *box*), “A perigosa magia”, trata da ditadura da estética difundida pela indústria cultural, cita exemplos de atrações em meios de comunicação que difundem o padrão de beleza-magreza e expõe colocações de uma professora de “Análise do Discurso”, apontando como os conteúdos midiáticos são estruturados de modo enfático e convincente.

O terceiro texto (segundo *box*), “Conhecendo melhor”, traz uma série de tipos de transtornos alimentares com rápidas definições, a fim de que o interlocutor complemente sua leitura com informações técnicas.

A distribuição de fotografias\ilustrações em meio à reportagem buscou trabalhar o assunto mesclando o registro documental com a composição de cenas simbólicas, entre elas pratos com remédios e imagens de entrevistados.

6 CONSIDERAÇÕES

A reportagem “Comer e vomitar: o que há de errado com elas?” buscou ressaltar problemas enfrentados por jovens e adolescentes com relação ao padrão de beleza imposto por parcela considerável da mídia, tendo como principal objetivo conscientizar e fornecer um trabalho social em prol aos maiores afetados.

Entende-se que o trabalho desenvolvido contribuiu para que, de forma geral, abrisse os olhos para um problema pouco ressaltado, mais que está diariamente nas vidas de diversas pessoas. Também proporcionou à autora do melhores condições para falar de algo ocorrido em sua vida pessoal, pois a partir do momento em que se reconhece que está doente, é possível ajudar outras pessoas.

Além disso, foi possível, pela forma de condução da reportagem, proporcionar ao leitor uma exposição humanizada do assunto, com a exposição de histórias tão comoventes. A reportagem em si, a busca frenética por entrevistas, acesso a documentos e estatísticas, estimulou o crescimento para o desenvolvimento de futuros projetos jornalísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: ContextoS, 1994.

ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil** – o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Senac, 2000.

BELTRÃO, L. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CURY, A. **Ditadura da Beleza e a revolução das mulheres**. Linhas cruzadas, 2007.

ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GUIRADO, M. C. **Reportagem: a arte da investigação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004

KOTSCHO, Ricardo. **A aventura da reportagem**. São Paulo: Summus, 2007.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo** – O que os jornalistas devem saber e o público exigir. 2. ed. São Paulo: Geração, 2004.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro : Record, 2001.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 7. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. **Técnicas de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.